

EDITORIAL

O primeiro número de *Fundamento: Revista de Pesquisa em Filosofia* apresenta como primeiro artigo o excepcional “Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em Filosofia” de autoria do Prof. Oswaldo Porchat Pereira da Universidade de São Paulo. Não tivemos qualquer dúvida sobre o quanto era apropriado começarmos com um texto que é um convite à pesquisa em filosofia e que lança perguntas como: “a iniciação à pesquisa em Filosofia é a mesma coisa que a iniciação à pesquisa em História da Filosofia?”. Porchat pergunta se o estudo historiográfico seria a melhor maneira de preparar alguém para a prática da Filosofia quando a motivação de muitos dos nossos alunos não é a idéia de se tornarem bons historiadores do pensamento filosófico. E nos questiona: “estamos contribuindo para a concretização desses impulsos, ou os estamos matando?” O brilhante testemunho de sua vida acadêmica faz Porchat reconhecer que a atual geração de professores “teve negadas todas as condições que propiciam a boa iniciação à prática da Filosofia.” “Seus mestres, e eu sou um deles, lhas negaram todas, os prepararam apenas para que se tornassem bons historiadores da Filosofia”. Ao encaminhar sua conclusão afirma que esses atuais professores “foram educados – ou deseducados – no temor malsão da criatividade filosófica, o que foi muito mau.” *Fundamento* chega para a

comunidade filosófica acreditando firmemente que a prática da Filosofia não pode ser apenas historiográfica. Agradecemos ao Prof. Porchat a autorização para esta publicação assim como aos detentores dos direitos da publicação anterior.

O artigo seguinte foi especialmente escrito para nossa revista pelo Prof. George Rainbolt, da Georgia State University, que é autor com Sandra L. Dwyer do livro *Critical Thinking in College* (East Windsor, CT: Wadsworth Press, 2008). Rainbolt explica que o tipo de pensamento chamado “crítico” capacita os alunos a argumentar com rigor filosófico. Na década de 80, vários professores norte-americanos de Filosofia perceberam que apenas as aulas de Lógica, quando se usava como fonte principal *Introdução à lógica* de Irving Copi, não eram suficientes para formar nos alunos do primeiro ano e graduação a habilidade de avaliar corretamente os argumentos feitos por outros e construir bons argumentos por si mesmo. A disciplina passou a ser lecionada em todos os EUA e também no Canadá. Nossa revista traz este tema para o debate filosófico aqui no Brasil.

O terceiro artigo apresentado por *Fundamento* é “O ideal cosmopolita: os limites da tolerância global”, do Prof. K. C. Tan. Trata-se de um texto inédito que teve uma primeira versão apresentada como

em 3 e 4 de Abril de 2009 na Temple University, Philadelphia – PA. Professores como Jeffrey Sacks e Michael Walzer participaram do evento e *Fundamento* agradece ao Prof. Tan por nos conceder os direitos para publicarmos este seu trabalho. O artigo apresenta as concepções internacionalista e cosmopolita de tolerância. Nesta última são apresentados argumentos que defendem a idéia de que os estados liberais devem tolerar os estados não-liberais. Tan também critica a idéia de que o Cosmopolitismo seria uma forma de imperialismo moral a ser rejeitada. K. C. Tan é professor da University of Pennsylvania e é autor de *Justice Without Borders* (Cambridge University Press, 2004) e *Toleration, Diversity and Global Justice* (Penn State Press, 2000).

O artigo seguinte intitula-se “O sentido da vida e o propósito de Deus”, de Sagid Salles da Universidade Federal de Ouro Preto. Salles inicia seu artigo mostrando que Thaddeus Metz acredita que a principal afirmação de uma teoria do sentido da vida centrada em Deus não é “se Deus existe, a vida tem sentido”, mas “a vida só tem sentido se Deus existir”. Ao analisar a compreensão de Metz, Salles alega que uma *teoria centrada em Deus* afirmaria que a vida de uma pessoa tem sentido unicamente à medida que ela tiver uma relação adequada com Deus. Um exemplo de teoria centrada em Deus é

a *teoria do propósito*, que afirma que essa relação adequada é satisfazer um propósito atribuído a nós por Deus. Assim, ele delimita seu objetivo no artigo relacionando-o com três acusações de que a teoria do propósito implicaria a imoralidade de Deus: (i) seria incompatível com a bondade de Deus que Ele nos punisse por não cumprirmos o seu propósito, (ii) a oferta de um céu por cumprirmos o seu propósito seria ofensiva por poder ser encarada como exploração; e (iii) o próprio fato de Deus nos atribuir um propósito seria ofensivo, crítica que acata de Kurt Baier. Sagid Salles conclui seu artigo afirmando que embora Metz consiga mostrar um caso em que a atribuição de um propósito a nós por parte de Deus, por si só, não seria ofensiva, ao fazer isso ele seria obrigado a assumir que Deus é injusto. Para escapar da acusação de injustiça, Metz estaria comprometido com a aceitação do fato de que Deus atribui diferentes propósitos às diferentes pessoas. Salles mostra que não é possível supor tal coisa sem implicar que Deus interfira em nosso livre arbítrio ou restrinja nossa capacidade de escolha.

O artigo de Felipe Lazzeri e Jorge Oliveira Castro, da Universidade de Brasília, critica a perspectiva mentalista sobre as predicções intencionais, que consiste na afirmação de tais predicções em seu uso ordinário

designando entidades internas aos organismos que sejam determinantes causais de seus comportamentos. O autor lista três objeções baseadas na análise lógica das predicções intencionais (a linha fundamental das quais já concebidas por outros autores, nomeadamente, Bennett e Hacker, Ryle, Wittgenstein e Skinner) e opta por uma perspectiva não-mentalista que considera acertada: a abordagem de Ryle atrelada à causação selecionista do comportamento.

No artigo “Limites e possibilidades da explicação naturalista da moralidade”, José Costa Júnior, da Universidade Federal de Ouro Preto, tenta responder à seguinte pergunta: será que a teoria da evolução pode explicar a existência do comportamento moral como uma característica inerente à condição humana? Costa Júnior defende que sim, e apresenta uma concepção de ética naturalista. Em um primeiro momento, ele expõe o renomado problema da passagem do “ser” para o “dever”. Como, a partir de proposições acerca do que é, alcançamos uma conclusão acerca do que deve ser? Como passamos de “esta criança tem fome” para “devemos alimentar essa criança”? Em seguida ele apresenta o argumento de G. E. Moore, que sustenta que o predicado “bom” é indefinível, e que qualquer tentativa de defini-lo com referência a algo

natural incorreria na chamada “falácia naturalista”. Por fim, Costa Júnior apresenta duas respostas às acusações de Moore, e conclui a favor de uma explicação da origem da ética a partir da evolução do homem, além de defender que o uso que se faz do termo “dever” nas ciências naturais não é tão distante daquele das proposições éticas.

O artigo “Kant e Darwin sobre a noção de teleologia em biologia: da autonomia na consideração do organismo à autonomia na consideração das populações”, de Adriano Perin, apresenta a contribuição de Immanuel Kant e Charles Darwin para a fundamentação filosófica da biologia. O problema central abordado é o de fundamentar a biologia como disciplina independente da física e da teologia. Na primeira seção, Perin expõe o impasse entre a visão mecanicista, que via a explicação dos fenômenos biológicos como sendo reduzida à mecânica dos fenômenos físicos, e da teologia natural, que descrevia os fenômenos biológicos como produtos imediatos da criação de um artífice supremo. Segundo Perin, o mérito de ter sido o primeiro a conceber que os fenômenos biológicos não podem ser reduzidos nem à explicação mecanicista nem à teológica foi de Kant. Assim, Kant teria dado um novo lugar à teleologia. Entretanto, Perin argumenta na seção II que foi somente com Darwin que

tornou-se possível compreender que há dois modos de teleologias diferentes, e permitir que a estrutura da biologia contemporânea seja edificada como biologia funcional e evolutiva. A partir daí, ele explica os conceitos básicos e diferentes métodos de cada um desses modos de teleologia e conclui pela importância fundamental tanto de Kant como de Darwin no processo de tornar a biologia auto-suficiente.

O próximo artigo apresentado chama-se “Lógica Paraconsistente: Lógicas da Inconsistência Formal e Dialeteísmo” e foi escrito por Diego A. Varela. Seu objetivo é explicar o que é a lógica paraconsistente e para quê ela serve, distinguindo o paraconsistentismo brasileiro de Newton da Costa do dialeteísmo australiano de Graham Priest. Ele cumpre tal objetivo nos mostrando que em lógicas inconsistentes, diferentemente das lógicas consistentes, podemos distinguir a contradição da trivialização; o que torna possível fazer uma lógica que a partir de uma contradição não se siga qualquer coisa, ou seja, uma lógica com o princípio de explosão gentil, sendo assim uma lógica inconsistente, porém não-trivial. E, posteriormente, Varela nos mostra a distinção nos comprometimentos ontológicos do paraconsistentismo e do dialeteísmo (o primeiro não aceita que haja contradições

na realidade, enquanto o segundo aceita) e que, nos fundamentos de uma lógica paraconsistente, podemos aceitar o primeiro, e não o segundo.

O autor Eduardo Dayrell de Andrade Goulart, no artigo “Observações Introdutórias sobre os Paradoxos Sorites e o fenômeno da vagueza na Linguagem Natural”, apresenta os paradoxos lógicos conhecidos como sorites, o fenômeno da vagueza, distinguindo-a da ambigüidade e da relatividade, e a teoria epistêmica, que é uma tentativa de solução desses paradoxos. O artigo começa com uma exposição clara e informal do paradoxo sorites a partir de três exemplos. Goulart observa que nossa intuição nos diz que a retirada de apenas um grão de areia de um monte de areia não faz com que ele deixe de ser um monte. Entretanto, a mesma intuição pode nos levar à paradoxal conclusão de que qualquer quantidade de grãos de areia é um monte, mesmo que apenas um grão. Paradoxos desse tipo, observa Goulart, são constituídos a partir do uso de conceitos vagos (como “monte”). Por fim, ele apresenta a “teoria epistêmica” acerca da vagueza e dos paradoxos sorites e uma de suas principais objeções. A teoria epistêmica afirma que o fenômeno da vagueza é um problema de ignorância, o problema de não saber onde especificamente reside o limite de aplicação de um

conceito. Mas isso não significa que o limite não exista. Em algum momento (embora não saibamos qual) a retirada de um único grão de areia vai fazer o monte deixar de ser o monte. Goulart termina apontando um problema a essa teoria. Problema esse que se baseia na assunção de que o significado (de uma frase ou expressão) se dá em função do uso (que fazemos dela), e que nos permite tomar a resolução dos paradoxos sorites como um problema em aberto.

Sobre as traduções dos artigos sobre buracos, quando vemos tal tema num periódico de Filosofia, nos perguntamos qual a importância de sua publicação numa Revista de Pesquisa. A primeira tradução, a do texto “Holes” (“Buracos”) de David Lewis e Stephanie Lewis, é uma exemplificação de como um problema filosófico - como a natureza dos buracos (se são entidades concretas materiais ou não) - pode ser discutido analiticamente de uma maneira interessante. Ademais, de um ponto de vista pedagógico, este texto torna-se importante porque expõe como geralmente os debates filosóficos ocorrem ou, pelo menos, como eles começam. O segundo texto traduzido “Holes”, de Archille Varzi e Roberto Casati, já não é um *debate filosófico* sobre a natureza dos buracos, mas sim uma *exposição do problema filosófico* sobre a natureza dos

buracos, como também das diversas teorias que existem para tentar solucioná-lo. A importância pedagógica deste texto é que nos faz entrar em contato com o modo como devemos ler os textos de Filosofia - na intenção de captar suas teses e argumentos, e com o objetivo de pensarmos nós mesmos teses e argumentos a favor e contra os autores. De modo geral, o que objetivamos com a publicação dessas traduções é mostrar como os filósofos filosofam e como devemos ler seus textos a fim de nós mesmos filosofemos.

Enfim, ao publicarmos esses artigos, desejamos e nos esforçamos para que os estudantes e os pesquisadores em Filosofia tenham um bom material em mãos. Boa leitura!

Os Editores